

INTRODUÇÃO, JOSÉ MEDINA

Tríduo Pascal dos colegiais de Comunhão e Libertação.

Rímíni, Itália, 2 de abril, quinta-feira à noite

Cantos: *Mare nostré*

Ballata dell'uomo Vecchio

Senhor, “Concedei ao vosso povo que desfalece por sua fraqueza, recobrar novo alento pela Paixão do vosso Filho”¹. Olha-nos com bondade. É de Ti que vem tudo. É de Ti que vem também o nosso reconhecimento de Ti. “Vem, Senhor!”², tem misericórdia de nós. “A Tua graça vale mais do que a vida”³, porque sem a tua graça, sem a Tua misericórdia, a vida não tem sentido. Sem a Tua misericórdia a vida leva à total anulação de si mesmo. Cantemos juntos *Ó Vinde Espírito*.

Ó Vinde Espírito

UMA VIDA AUTÊNTICA AGORA

Queria começar estes dias juntos, lendo uma colocação que sintetiza a urgência expressa em muitos dos seus relatos, e que é também a minha. Escreve assim um amigo: “Como é que se faz para viver verdadeiramente? Porque eu às vezes sinto-me uma máquina presa na rotina, totalmente apática”. Esta é a urgência que eu trago comigo nestes dias: o desejo de viver uma vida autêntica agora, hoje.

Não se pode falar de desejo de felicidade, se não se parte do agora, da comparação com o presente, com o cotidiano. Porque sem nexos com o presente, com o cotidiano, que é feito dos problemas de todos os dias, dos amigos, dos problemas que surgem na escola, em casa, das doenças, das dificuldades, se não falamos deste “agora”, falamos de uma felicidade intelectual e as conversas destes dias não vão afastar as dificuldades que sentimos. Falar de desejo de felicidade sem falar do agora, de você, aí sentado na cadeira, agora, é falar de uma ideia. Como diz o Papa Francisco, tornaram-se jovens de museu, que sabem tudo, que estão bem informados, que conhecem tudo, mas não sentem o estímulo da realidade, o impacto da realidade, que não choram.

Cristo interessa-me porque com Ele eu posso viver de forma autêntica agora; caso contrário, o cristianismo é um acréscimo, uma coisa a mais para fazer, um culto, uma moral, uma coisa já sabida. Sem o nexo com o cotidiano, com o agora, é impossível entender a existência de Deus. Sem a carne de cada dia, qualquer que seja a forma e versão que ela tome, não é possível entendê-la. Porque é exatamente nas dificuldades do cotidiano que se experimenta o drama de sermos homens.

UM BARCO QUE ANELA PELO MAR MAS QUE O TEME

Na página 5 do livrinho do Tríduo encontra-se uma poesia (*George Gray*) de Edgar Lee Masters que sintetiza o drama do humano tal como eu o senti nestes meses: “Muitas vezes estudei / a lápide que me esculpíram: / um barco com as velas enroladas, num porto [porque o barco não é feito para o porto, mas para o mar. É como ter uma Ferrari e guardá-la na garagem. A Ferrari não pertence à garagem]. / Na verdade, este não é o meu destino / mas a minha vida. [Por que diz isto? Por que descobre na sua vida que se retirou, que se demitiu de viver?] / Porque o amor me foi oferecido e eu fugi do seu engano; / a dor bateu à minha porta, e eu tive medo; / a ambição chamou-me, mas eu temi os imprevistos. [Um belo carro, um belo barco, mas não os conduz, fica ali olhando para eles, limpando, até senta lá dentro, mas sem os conduzir] / Apesar de tudo tinha fome de um significado na vida. [Apesar de tudo, sabe bem disso] / E agora sei que é preciso içar as velas / e seguir os ventos do destino, / onde quer que estes levem o barco. / Dar um sentido à vida pode levar à loucura [a vida sem sentido é que leva à loucura!] / mas uma vida sem sentido é a tortura / da inquietação do vão desejo [você sabe bem que não fomos feitos para viver presos nas rotinas] / um barco que anela pelo mar e, no entanto, o teme”. Diante do meu desejo de viver uma vida autêntica, eu tenho medo.

“Tenho medo”, escreve uma de vocês a uma professora, “sabe o que significa já com esta idade não me sentir à altura? Nunca me sentir suficiente, como se tudo o que você sabe fazer tivesse como

obstáculo uma única barreira: nós mesmos. Tenho medo de viver agora”. E esta amiga continua: “Sabe qual é o meu objetivo? Reencontrar-me a mim mesma. Reencontrar aquela jovem simples que sorria a todas as coisas. Reencontrar a determinação, a força, a vontade de ser mais do que aquilo que sou. Não ouvir mais as palavras segredadas pela minha mãe, não a ver sofrer mais, sentir-me só”.

Nós percebemos que há uma promessa na vida, uma grande promessa, e sentimos também saudades dessa promessa. Sabemos que não fomos feitos para vivermos presos, mas ao mesmo tempo estamos esgotados, cansados, sentimo-nos inadequados, incapazes. Este é o paradoxo de sermos homens: sentir que fomos feitos para sermos verdadeiros, verdadeiramente nós mesmos, e, no entanto, sermos incapazes de fazer um gesto verdadeiro.

Cantemos *Cerco un gesto naturale* [Procuro um gesto natural]. Escutem estas palavras: “Vejo-me de fora como se fossemos duas pessoas / [...] naquele movimento, eu não estava lá”⁴. O meu agir não é expressão do meu eu. Estou preso, confuso, destinado a viver uma vida autêntica agora, mas não sei como fazer.

Cerco un gesto naturale

COMO CHEGAR À VIDA AUTÊNTICA?

De muitos modos, com diversas tentativas, o homem procurou experimentar um gesto natural, autêntico, um gesto de homem verdadeiro, de forma a poder dizer: “Eu estou aqui, agora”. Tentou produzir um gesto humano, natural, com as próprias mãos ou seguindo as tendências da moda, mas sem sucesso; tentou fazer por si, mas não é preciso muito tempo para perceber que não basta, que eu não sou capaz de ser eu próprio, de ser eu. Consequentemente, o homem concluiu que viver uma vida autêntica é impossível e retirou-se; retirou-se na casa de campo, ou com um grupinho de amigos, isolado, protegido, convencido de que o obstáculo a ultrapassar são as circunstâncias geradas por uma sociedade criada por homens que já não é humana; tentando atenuar, amortecer o mais possível o impacto do real.

Aquilo que falta hoje, diz o Papa Francisco, é o pranto: “Convido cada um de vocês a perguntar-se: eu aprendi a chorar? Quando vejo uma criança faminta, uma criança drogada pela estrada, uma criança sem casa [quando ouço que um avião caiu nos Alpes, quando ouço que as pessoas morrem na Síria, eu choro? Sinto o impacto da realidade?] [...] Ou o meu não passa do pranto caprichoso de quem chora porque quereria ter mais alguma coisa?”⁵, caprichoso porque quereria eliminar aquilo que sente que é um obstáculo na sua vida. “Esta é a primeira coisa que lhes queria dizer: aprendamos a chorar [...]. Por que sofrem as crianças? Por que acontece isto ou aquilo de trágico na vida? [...] Se vocês não aprenderem a chorar, não são bons cristãos [homens]. [...] Sejam corajosos, não tenham medo de chorar!”⁶.

É preciso deixar-se tocar, sentir o impacto da realidade, sentir o drama de sermos homens, porque só nesse ponto nasce a pergunta, o pranto, e eu desejo. E esta tristeza, esta saudade de alguma coisa grande para mim, ou seja, este desejo de ser verdadeiramente eu, pede ao homem razoável um passo, um movimento de liberdade: é preciso gritar! Porque o homem consciente da própria incapacidade pode viver o impacto com as circunstâncias, quaisquer que elas sejam, de modo dramático (eu grito, grito a um outro) ou trágico (desespero, renuncio e digo: “Não é possível!”).

O homem razoável, aberto à possibilidade de que haja verdadeiramente uma realização na vida, pede. Se uma pessoa se detém antes do pedido, é porque tem um orgulho que não o deixa dobrar-se (pensa que é capaz de cumprir a vida contra toda a evidência) ou porque está desesperado. Diante da experiência de todos os dias, tem que se dar aquele passo: gritar! Como Bartimeu, o cego, que no meio da multidão gritava a Jesus: “Dá-me a vista!”. E todos gritavam contra ele. Todos querem que você se esqueça de si mesmo, do seu desejo, do seu pranto (queremos consolar-nos, não temos coragem de estar diante disso), todos gritam para lhe fazer esquecer. Tal como todos diziam a Bartimeu: “Estás doido, cala-te, cala-te! Estás a fazer distúrbios!”. Mas ele não se rendia: “Dá-me a vista!”⁷. Eu não quero ser consolado, eu quero ser eu, quero a felicidade agora, quero viver como

homem. E por isso, para dizer isto com uma palavra ainda mais bonita, tenho que ser mendicante, porque aquilo que eu quero ser, não posso dar a mim mesmo.

Este, queridos amigos, é o meu desejo para estes dias: que sejam homens, que abracem o impacto, o estímulo da realidade. Porque o pedido dramático da vida não é uma questão intelectual, abstrata. Chorem! Gritem! Peçam, cada segundo, cada dia! Mendiguem! Esta é a estrutura do homem, a mendicância, a palavra que melhor descreve o que é o homem. Prometo-lhes que, mendigando e vivendo como homens mendicantes, será feita luz diante dos seus olhos e lhes será dada uma afeição à vida de um modo que não podem imaginar.

Cantemos *Blind Barnabas* [Cego Bartimeu].

Blind Barnabas

TUDO COMEÇA COM UM ENCONTRO: A GRAÇA

Sublinhamos rapidamente que o primeiro passo para começar a responder à pergunta sobre como é que se faz para chegar à vida autêntica é dar-se conta do que eu sou, que a primeira dificuldade está no fato de que tenho medo de viver a vida – porque não choro – e que a estrutura constitutiva do homem é a do mendicante, porque para ser eu mesmo preciso de um outro. E por isso a coisa mais humana é gritar.

Dizia Pavese: “É preciso uma intervenção de fora para mudar de direção”⁸. É preciso algo de outro para levar o homem à decisão de pedir. Também precisamos disto! Precisamos de alguém também para pedir. O que pode levar o homem a esta decisão, a ser homem?

Escreve uma de vocês: “Há um mês estive internada no hospital para fazer uma operação e encontrei ali uma criança muito doente. Tinha onze anos, era magro, não falava e não se mexia. Inicialmente, eu não queria sequer entrar no seu quarto [recuamos, porque viver como homens nos dá medo, não se sabe o que pode acontecer ao entrar naquele quarto de hospital]. Ao sair do hospital, fiquei fulgurada e comovida com o seu sorriso. Fiquei impressionada com a forma como ele sorria, apesar de não estar bem e fiquei impressionada também com a serenidade da mãe [“Apesar de não estar bem”, porque nós entendemos as circunstâncias como objeções a sermos nós mesmos]. Ali entendi que o encontro com eles foi para mim a possibilidade de redescobrir como um sorriso pode me tocar. Dei-me conta que, quando saía do seu quarto, tudo era interessante [dei-me conta de uma mudança em mim], aquele sorriso era sinal de que dentro dele devia existir uma esperança e uma consciência de que vale a pena ser feliz”. Nós queremos ver um homem que vive como homem a minha própria vida. Isto me muda: alguém que sofre como eu, mas tem dentro de si uma esperança que eu não tenho.

Robert Stevenson (o autor de *A ilha do tesouro*) escreve: aquilo de que precisamos, “aquilo que queremos ver, é alguém enfrentar o mundo de peito aberto, alguém que faz um trabalho de um homem [de qualquer homem] conservando ainda o primeiro e puro prazer da existência”⁹. Aquilo de que precisamos é ver um homem que vive a vida, que faz o mesmo trabalho que eu, sem se esquecer de si mesmo, sem perder a si mesmo, que vive cada circunstância sem se demitir da vida, conservando “o primeiro e puro prazer da existência”, ou seja, o olhar de uma criança. Queremos encontrar um homem que gosta verdadeiramente de comer, de amar, de trabalhar, que está fascinado com o número das estrelas, que procura a beleza de um pôr do sol, em suma, um homem feliz. Um homem que pode ser homem sempre. Alguém que não esquece ou censura nada, que chora como eu choro, que sofre como eu sofro, mas que não é esmagado pela finitude, pela pequenez do seu ser. Um homem que vive à altura da promessa que percebeu, consciente da sua própria pequenez.

O que leva o homem à decisão, o que torna o coração decidido a reconhecer, é o encontro com um homem que vive como homem. Um encontro que o muda, que o recompõe. Escreve Betocchi: “O que é preciso é um homem, / não é preciso a sabedoria, / o que é preciso é um homem / em espírito e verdade; / não um país, não as coisas / o que é preciso é um homem, / um passo seguro e igualmente firme / a mão que estende, para que todos / possam agarrá-la, e caminhar / livres, e salvar-se”¹⁰.

Mas se não é possível que o homem o obtenha com as suas forças, então compreende-se imediatamente que aquilo que desejo é um “divino escondido”¹¹. Porque é impossível ao homem ser verdadeiramente homem. Seria necessário o encontro com um homem que aparentasse ser ao mesmo tempo normal e absolutamente outro, absolutamente próximo e infinitamente inalcançável. Um homem que veiculasse – através de quem se veicula – a grande Presença. A grande Presença que se desvela, que nos toca. Aqui está, tudo começa com um encontro que é uma graça.

Tudo começa com um encontro. Tudo é graça. Rezamos no início: “A Tua graça vale mais do que a vida”¹², porque sem a Tua graça não há vida, sem a Tua graça a vida não tem sentido, não tem direção, sem a tua graça eu não me mexo. Sem a Tua graça, sem o encontro com este “divino escondido”, a vida é trágica, acaba mal e por isso não a vivemos, não saímos do porto.

Eis o mistério da misericórdia: ao meu pedido, à sua necessidade, à sua mendicância, Deus responde, não com visões ou leis, ou conselhos, mas com um homem. Tudo começa no encontro com aquele homem. Foi o que nos disse o Papa em Roma: “Tudo, na nossa vida, tanto hoje como no tempo de Jesus, começa com um encontro. Um encontro com este Homem [...], um homem como todos e, ao mesmo tempo, diferente. [...] André, João, Simão: eles sentiram-se fitados até ao seu íntimo, profundamente conhecidos [profundamente conhecidos porque Ele era aquilo que eles desejavam ser], e isto gerou neles uma surpresa, uma admiração que, imediatamente, os levou a sentir-se ligados a Ele... Ou quando, depois da Ressurreição, Jesus pergunta a Pedro: “Tu me amas?” (Jo 21,15), e Pedro responde: “Sim”; aquele sim não era o resultado de uma força de vontade, não vinha somente da decisão do homem Simão: antes ainda, vinha da Graça, tratava-se daquele “*primerear*”, daquele preceder da Graça. Foi esta a descoberta decisiva para São Paulo, para Santo Agostinho, e muitos outros santos: Jesus Cristo é sempre o primeiro, antecipa-nos, espera por nós, Jesus Cristo precede-nos sempre; e quando nós chegamos, Ele já está ali à nossa espera. É como a flor da amendoeira: é ela que floresce primeiro, anunciando a primavera”¹³.

O encontro com aquele homem muda a vida. Com Ele a vida é vida, eu posso ser eu. Ele tem dentro de si a vida e o gosto de viver.

Foi isso que aconteceu a André – lembrem-se daquele trecho incluído no vídeo de Dom Giussani? -, que “entra na sua casa e tira o manto, e a mulher diz-lhe: “Mas, André, que tens? Estás diferente, o que é que te aconteceu?”. [...] “Mas, que tens?”. E ele a abraçar a sua mulher, que nunca se tinha sentido abraçada assim em toda a sua vida: era um outro [era um homem. Era um eu] [...]. Se lhe tivessem perguntado: “Quem é você?”, teria dito: “Percebo que me tornei outro... depois de ter ouvido aquele indivíduo, aquele homem, eu tornei-me outro”¹⁴.

Assim aconteceu o acontecimento maior da história em sentido absoluto. O encontro com um homem que torna a vida “vida”. Dali adiante, aqueles homens tiveram como esperança sugestiva, como finalidade, como objetivo, ouvi-Lo falar, porque “ninguém falou nunca como Ele fala”¹⁵. As suas palavras, o Seu olhar mudam a minha vida. Estando com Ele, vivendo com Ele, há um fôlego diferente. O Seu olhar recompõe-me, recompõe a minha visão de mim mesmo, repacifica-me comigo mesmo e com as coisas. Abraça-me todo, até aquilo que eu odeio, até aquilo que é obstáculo, até à morte.

O que seria a vida sem aquele Homem? “Seria verdadeiramente insuportável”.

Permanecer com aquele homem, permanecer com Ele, é a questão da vida. Não há um acontecimento mais importante em toda a história do mundo. Verificar se Ele é verdadeiro ou não, agora. Esta é a resposta à busca de uma vida autêntica, ao pedido fundamental de cada homem, da sua vida e da minha vida: Cristo, sim ou não. Cantemos *Hoy arriesgaré* [Hoje vou arriscar].

Hoy arriesgaré

“PERMANECEI EM MIM”¹⁶

Não basta que Jesus tenha existido. Não basta que Ele tenha caminhado sobre esta terra, tenha olhado, abraçado, acompanhado aqueles homens. Eu precisoser acompanhado agora. Reportar-se a um defunto é uma relação estética, emotiva, incapaz de mover a minha vida. Escreve uma amiga: “Estou me dando conta que sem Ele eu não vivo, preciso Encontrá-Lo todos os dias, porque preciso

daquela plenitude de vida, e este momento de dificuldade é mesmo precioso, porque está me fazendo focar e esclarecer cada vez mais qual é a minha necessidade. A origem da minha dificuldade é que os dias já não são determinados por aquele olhar, e não encontrá-lo mais está me desordenando”. Aquele homem tem que estar presente hoje, caso contrário a minha vida não muda, não se move. Não me basta tê-Lo conhecido. A minha vida é hoje. Preciso d’Ele agora.

Os discípulos tiveram a mesma experiência e o pensamento de não estarem com Ele era aterrorizador, enchia o coração deles de tristeza: “Filhinhos, por pouco tempo eu ainda estou convosco. Vós me procurareis, e agora vos digo, como eu disse também aos judeus: “Para onde eu vou, vós não podeis ir” [...]. Simão Pedro perguntou: “Senhor, para onde vais?” Jesus respondeu-lhe: “Para onde eu vou, não podeis seguir-me agora; mais tarde me seguirás”. Pedro disse: “Senhor, por que não posso seguir-te agora? Eu darei minha vida por ti!”¹⁷. Aquele homem, Jesus, prometeu permanecer comigo até ao fim do mundo: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo”¹⁸. Mas como? Ele permanece conosco de um modo inimaginável ao homem: “Eu sou o pão da vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto e, no entanto, morreram. Aqui está o pão que desce do céu, para que não morra quem dele comer. “Eu sou o pão vivo [...]. Quem come deste pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne, entregue pela vida do mundo”¹⁹.

Na Eucaristia, Deus torna-Se presente com um sinal visível e tangível, porque experimentável, através do qual Jesus manifesta a modalidade com que Deus acompanha o homem. Deus respondeu ao homem, permanecendo com ele de um modo absolutamente “normal” (alimento para comer, os sacramentos que acompanham os momentos importantes da vida, a companhia), mas ao mesmo tempo absolutamente Outro. A Eucaristia, com efeito, é um modo de “ser”. É Mistério, Outro, para lá da minha imaginação e do meu pensamento. É preciso contemplar (não se pode reduzir a uma medida humana. É Outro e ao mesmo tempo profundamente humano).

“Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos.”²⁰ Peçam a simplicidade da criança, porque *também* a capacidade de aderir a Cristo é dom de Graça. A mente e o coração do homem nunca são adequados aos passos que Deus dá na sua direção. Peçam um coração puro que procura entrar em comunhão com Ele (e não “explicá-Lo” com categorias humanas), que se inclina para o amor que lhe foi dado. Caso contrário, ele será como luz para um cego ou palavras para um surdo.

NOTAS

¹ Oração da Laudes matinais de segunda-feira Santa, em *Liturgia das Horas segundo o rito romano. Tempo de Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo de Páscoa*, vol. II.

² Ap 22,20.

³ Sal 63,4.

⁴ G. Gaber, “Cercu un gesto naturale”, do CD: *Far finta di essere sani* (1973-1974).

⁵ Francisco, *Discurso no encontro com os jovens*, 18 de janeiro 2015, Manila, Filipinas.

⁶ *Idem*.

⁷ Cf. Mc 10,47-48.

⁸ C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, Ed. Einaudi, Turin 1952, p. 14.

⁹ R. Stevenson, *Henry David Thoreau: His Character and Opinions, Part 1*, *Cornhill Magazine*, June 1880.

¹⁰ C. Betocchi, “Ciò che occorre è un uomo”, *Dal definitivo istante*, Ed. Bur, Milão 1999, p. 146.

¹¹ Cf. A. Tarkovskij, *Andrej Rublëv*, Garzanti, Milão 1992, p. 74.

¹² Sl 63,4.

¹³ Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

¹⁴ L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*, Ed. Bur, Milão 2015, p. 48.

¹⁵ Cf. Jo 7,46.

¹⁶ Jo 15,4.

¹⁷ Jo 13,33.36-37.

¹⁸ Mt 28,20.

¹⁹ Jo 6,48-51.

²⁰ Lc 10,21.